# UM ESTUDO DA PERSONAGEM NO CONTO *O TAPETE VOADOR*, DE CRISTIANE SOBRAL, SOB A PERSPECTIVA DO FEMINISMO DECOLONIAL

**Daiane da Silva LOURENÇO**[1]

[1]Departamento Acadêmico de Humanidades
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – *Campus* Francisco Beltrão
Francisco Beltrão – Paraná – Brasil

E-mails: daianelourenco@utfpr.edu.br

**Resumo:** *A literatura de autoria negra por muito tempo ficou à margem da tradição literária brasileira, no entanto tem sido publicada por coletivos e editoras especializadas em literatura afro-brasileira. A escritora Cristiane Sobral produz narrativas de resistência e que desestabilizam o sistema moderno-colonial de gênero. Neste artigo, seu conto O tapete voador (2016) é analisado com o objetivo de compreender se ocorre na narrativa um movimento de afirmação do corpo negro como forma de recuperar a experiência de existência retirada pela colonialidade. A pesquisa desenvolvida é qualitativa e bibliográfica, de caráter analítico. O feminismo decolonial é utilizado como base teórica para compreender como a personagem Bárbara é afetada em seu cotidiano por opressões de raça e gênero. Os resultados obtidos revelam que a colonialidade está presente na narrativa através de discursos de outra personagem, a qual oprime Bárbara. O discurso de opressão é perpassado por ideias eurocêntricas de beleza, pela ideologia do embranquecimento e pelo mito da democracia racial. Ao final da narrativa, Bárbara afirma sua identidade como mulher negra, recuperando a experiência de existência. O texto literário subverte a colonialidade de gênero por promover a desconstrução de estereótipos eurocêntricos, o debate sobre a objetificação da mulher negra e a manutenção da resistência.*

**Palavras-chave:** *Literatura; Feminismo decolonial; Corpo negro.*

## INTRODUÇÃO

O privilégio da fala tem sido negado para as pessoas negras de diferentes formas. O racismo estrutural da sociedade brasileira também aparece no mercado editorial devido à dificuldade que escritoras negras enfrentam para publicar, principalmente em grandes editoras. Segundo pesquisa realizada (DALCASTAGNÈ, 2012), no mercado editorial brasileiro há o predomínio de obras literárias produzidas por homens, brancos, de classe média, que moram no Rio de Janeiro e em São Paulo. A pesquisa revelou que as personagens seguem o mesmo parâmetro, sendo maior a presença de narradores, protagonistas e

coadjuvantes homens, brancos, de classe média, heterossexuais e moradores de grandes cidades. Apesar de estruturas de opressão ainda silenciarem muitas escritoras, produções literárias de mulheres negras têm sido publicadas por coletivos e por editoras especializadas em literatura afro-brasileira, espaços que legitimam e dão visibilidade aos seus trabalhos, promovendo inclusive uma prática decolonial.

A tradição literária excluiu por muito tempo a literatura negra. As publicações de intelectuais negras são formas de resistir, de reivindicar espaços e de desestabilizar o sistema moderno-colonial de gênero. Inserem na literatura brasileira contranarrativas, narram suas próprias histórias, desconstroem estereótipos eurocêntricos e representam mulheres negras como sujeitos. É neste contexto que está inserido o conto *O tapete voador* (2016), de Cristiane Sobral.

Este artigo realiza uma análise da personagem Bárbara, do conto *O tapete voador*, da perspectiva do feminismo decolonial, considerando as opressões de raça e de gênero que a atravessam. O objetivo é compreender se ocorre na narrativa um movimento de afirmação do corpo negro como forma de recuperar a experiência de existência retirada pela colonialidade. A colonialidade perpassa a narrativa em forma de discursos que oprimem Bárbara. Baseando-se em autoras do Sul Global, este trabalho contribui para entender como mulheres negras são afetadas por opressões produzidas pela colonialidade e como a literatura é uma forma de resistência ao sistema moderno-colonial de gênero.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Cristiane Sobral é uma atriz e escritora negra nascida em 1974 no Rio de Janeiro, que reside em Brasília desde 1990. Evidenciar sua raça é significativo para compreender sua produção literária centrada em corpos negros. Seus primeiros textos foram publicados em 2000 em *Cadernos Negros*, coleção que reúne produções literárias afro-brasileiras de diversas regiões do país, organizada pelo coletivo Quilombhoje. O conto analisado neste artigo faz parte da obra *O Tapete Voador* (2016), publicada pela Editora Malê, lançada em 2015 com o objetivo de editar literatura afro-brasileira. As produções citadas foram publicadas em espaços que têm práticas descolonizadoras para que escritoras-outras sejam legitimadas e subvertam a colonialidade do saber e do gênero (CURIEL, 2020).

O apagamento de produções literárias de escritoras negras faz com que exista pouca autorrepresentação de mulheres negras na literatura brasileira. A respeito disso, Evaristo (2005) explica que, ao serem representadas de uma perspectiva eurocêntrica, mulheres-negras são retratadas, muitas vezes, como "outro" e como objeto, retirando-lhes a humanidade e subjetividade. Por outro lado, na produção literária de escritoras negras o corpo-mulher-negra deixa de ser representado como o corpo do "outro" e passa a ser retratado como sujeito-mulher-negra, a partir da subjetividade experienciada pela escritora. O discurso literário produzido por essas mulheres desestabiliza o sistema moderno-colonial porque conta suas próprias histórias. Como ressalta Kilomba (2019), escrever é um ato de descolonização, uma atitude que legitima quem escreve e registra uma realidade descrita de forma equivocada ou sequer citada.

O colonialismo foi um processo de domínio político e econômico que países europeus exerceram sobre países colonizados. A independência de colônias não significou o fim da dominação colonial, pois seus efeitos ainda estão presentes nesses países, como a racialização e o eurocentrismo. A colonialidade é a propagação da estrutura de poder colonial que ainda permanece enraizada na sociedade através de relações de poder. Segundo Curiel (2020), a divisão internacional do trabalho entre centros e periferias se mantém, assim como a hierarquização étnico-racial das populações e a formação dos estados-nação na periferia. O processo que ocorreu foi a transição do colonialismo moderno para a colonialidade. Dessa forma, ser decolonial é enfrentar a colonialidade com atos de resistência e através da desconstrução de padrões impostos aos povos subalternizados.

O feminismo decolonial é uma proposta de revisão e problematização das bases do feminismo que partem de uma ideia de universalização e da subordinação das mulheres ao considerarem apenas problemas de gênero, como se "todas" as mulheres fossem iguais. De acordo com Curiel (2020), nessa generalização as experiências de mulheres afetadas pelo racismo, o classismo, a heterossexualidade e a geopolítica são desconsideradas. O feminismo decolonial, ao contrário, é um movimento que questiona a unidade das mulheres. Para Miñoso (2020), na perspectiva decolonial o feminismo reinterpreta a história analisando o caráter racista e eurocêntrico. Portanto, considera que está em progresso uma virada epistemológica na qual posicionamentos contra-hegemônicos emergiram, ampliando os

feminismos conhecidos, como o feminismo negro, o feminismo pós-colonial, o feminismo materialista francês, o feminismo pós-estruturalista.

Miñoso (2020) explica que a universalidade do movimento feminista assegura bem-estar para algumas, as mulheres de privilégios branco-burgueses, em detrimento da grande maioria racializada, ou seja, não contempla todas as mulheres. Por isso, é imprescindível que mulheres da América Latina e do Caribe aprofundem a crítica feminista a partir de saberes contra-hegemônicos situados em seus contextos, dialogando com produções de pensadoras, intelectuais, ativistas, feministas ou não, de ascendência africana, indígena, mestiça, campesina, imigrantes racializadas e acadêmicas brancas comprometidas com a subalternidade no mundo. Os saberes contra-hegemônicos são as experiências vividas pelas mulheres mencionadas, as quais passam a ser vistas como sujeitos do conhecimento, não apenas objeto.

A metodologia do feminismo decolonial propõe entender como mulheres negras são afetadas por opressões como o racismo, o colonialismo e o classismo.

> Uma posição decolonial feminista significa entender que tanto a raça quanto o gênero, a classe, a heterossexualidade etc. são constitutivos da episteme moderna colonial; elas não são simples eixos de diferenças, são diferenciações produzidas pelas opressões, de maneira imbricada, que produzem o sistema colonial moderno (CURIEL, 2020, p. 133).

Curiel (2020) defende que não é necessário afirmar que é negra, pobre, mulher, trata-se de entender por que é racializada, empobrecida e sexualizada. O objetivo da teoria feminista decolonial é mostrar que as condições foram produzidas pela colonialidade. Com base em tais discussões, a personagem Bárbara, do conto *O Tapete Voador*, é analisada.

## METODOLOGIA

Esta pesquisa é qualitativa e bibliográfica, de caráter analítico. O conto selecionado para estudo é intitulado *O Tapete Voador*, publicado em um livro com o mesmo título, em 2016. No conto a personagem protagonista é Bárbara. O feminismo decolonial é utilizado como perspectiva de estudo a fim de observar como a personagem é afetada em seu cotidiano

de trabalho por opressões como o racismo, o colonialismo e o classismo, e mostrar que essas condições são produzidas pela colonialidade. A intenção é compreender se há na narrativa um movimento de trazer o corpo negro de volta, recuperando a experiência de existência retirada pela colonialidade.

Esta pesquisa surge da urgência de se olhar para produções de intelectuais do Sul Global, como uma crítica à dependência de trabalhos acadêmicos produzidos pelo Norte Global, enxergando a literatura a partir de epistemologias do Sul e de uma análise crítica da colonialidade (MIÑOSO, 2020). Baseia-se em teorias formuladas por mulheres do Sul Global que ressaltam seus saberes e criticam o eurocentrismo e a colonialidade do poder; estudam o sistema moderno-colonial de gênero; propõem uma metodologia feminista decolonial; abordam a relação entre racismo, sexismo e colonialismo (CURIEL, 2020; GONZALES, 2020; KILOMBA, 2019; LUGONES, 2020).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No conto *O tapete voador*, a personagem protagonista é Bárbara, uma mulher negra trabalhadora que atua na assessoria de comunicação de uma renomada multinacional. A narrativa inicia ressaltando a alegria da personagem com seu sucesso profissional e seu interesse em continuar estudando, por isso pediu o apoio da empresa para fazer um curso de pós-graduação. Repentinamente, foi convocada para uma reunião com o presidente da empresa, o que a fez considerar que poderia receber uma promoção.

A personagem é apresentada aos leitores da seguinte forma: “Era vaidosa, experimentava ao máximo as possibilidades do seu cabelo afro, com presilhas, turbantes, prendedores, faixas, enfim, tudo que pudesse iluminar e exaltar a sua identidade” (SOBRAL, 2016, p. 7-8). Essa atitude de afirmação de sua identidade negra revela uma mulher que não segue padrões de beleza eurocêntricos. No dia da reunião com o presidente, “(...) fizera um penteado trançado, com desenhos adornando a cabeça inteira, como uma preciosa moldura” (SOBRAL, 2016, p. 7-8). Bárbara é introduzida na narrativa como uma jovem mulher negra que evidencia sua negritude, filha de empregada doméstica e porteiro, com um cargo importante em uma renomada empresa.

A personagem fica surpresa ao conhecer pessoalmente o presidente da empresa, pois era um homem que fazia questão de ser invisível, intocável. Ao vê-lo, descobre que é um

homem negro na presidência da multinacional: “Com gestos precisos, ele estendeu a mão negra, que saltou ágil, da beirada da manga do terno branco impecável, muito bem cortado” (SOBRAL, 2016, p. 9). Neste momento, Bárbara admira o homem negro a sua frente.

O objetivo do encontro foi rapidamente esclarecido pelo presidente: “Admiro a sua dedicação e o seu profissionalismo, acredito no seu potencial, por isso vou tentar tecer alguns comentários que poderão ser fundamentais à sua ascensão profissional” (SOBRAL, 2016, p. 9). O presidente parou para ajustar a temperatura do ar-condicionado, “(...) o que fez com que a sala reproduzisse uma atmosfera climática um tanto europeia” (SOBRAL, 2016, p. 9). A partir deste momento da narrativa, a colonialidade aparece no discurso do presidente.

A personagem Bárbara já revela uma preocupação diante do caminho que a conversa começa a tomar ao ouvir que poucas mulheres negras chegam até o lugar em que ela está. O presidente continua:

> — Entretanto, há outras coisas que você deve aperfeiçoar. O seu *marketing* pessoal, por exemplo. Não me leve a mal, mas já temos bons produtos para minimizar acidentes genéticos desagradáveis, como o cabelo do negro. É um dos seus defeitos. Seu cabelo é péssimo. Mas não se aflija com isso, eu posso ajudar. Costumo viajar para o exterior e minha esposa poderá trazer ótimos cosméticos (...) (SOBRAL, 2016, p. 10).

O estereótipo de “boa aparência”, a partir de uma visão eurocêntrica, é imposto para a personagem Bárbara através de um personagem negro que ocupa uma posição de poder. O presidente da empresa revela que por ter negado sua negritude e passado por um processo de embranquecimento conseguiu chegar ao cargo que ocupa.

Bento (2022, p. 107-108) explica que, “o cabelo da mulher negra é emblemático de um incômodo que não tem a ver tanto com o cabelo, mas sim com o que representa a presença negra nos espaços que a branquitude considera exclusivamente seus”. Portanto, apesar da dedicação, do profissionalismo e do potencial da personagem Bárbara, ela não esconde sua negritude para inserir-se em um espaço majoritariamente ocupado por brancos, questão que é ressaltada pelo presidente que pretende aconselhá-la.

A perspectiva decolonial questiona quem pode ocupar os lugares de privilégio e de comando nas instituições. Para Bento (2022), o território da ascensão profissional é um dos mais tensos, pois pessoas negras que chegam em posições de comando estão invertendo a lógica de que pessoas brancas sempre ocupem espaços de liderança. A tentativa de evitar que negros ocupem cargos superiores em uma empresa é chamada de racismo institucional, uma prática que resulta do colonialismo e da ideia de inferiorização de negros/as, a qual ainda mantém a maior parte da população negra em posições de subordinação e desqualificação.

Além disso, a colonialidade do ser estabelece padrões universais, coloca as pessoas brancas como referência, o que aparece na seguinte fala do presidente: "Você precisa aprender a jogar conforme as regras. Para que insistir em ser negra em um país racista? Quanto menos você declarar a sua negritude, melhor" (SOBRAL, 2016, p. 10). O privilégio dos brancos é explicado para a personagem Bárbara, pois supostamente ela ainda não entendeu a colonialidade presente na sociedade. O presidente continua sua fala dizendo que está disposto a ajudá-la e que tem um futuro brilhante, "alvíssimo", desde que oculte sua negritude.

Bárbara fica imóvel diante do que ouve. A fala do presidente propaga opressões de gênero e de raça. O monólogo aborda também a importância de que pretos se casem com mulheres brancas, "puras", "com bons genes", para evitar "defeitos de cor" no futuro, e afirma que negros são "alcoólatras", "vagabundos", "criminosos". Por fim, o presidente destaca que o racismo não existe e que vivemos em uma democracia racial.

As falas do presidente buscam ensinar Bárbara a se comportar respeitando as relações de poder propagadas na sociedade. Segundo Gonzales (2020), isso ocorre porque as mulheres não brancas são "faladas", definidas e classificadas por um sistema ideológico de dominação que as infantiliza. É um processo de negação do direito de ser sujeito do próprio discurso e da própria história.

A ideologia do branqueamento é para Gonzalez (2020) um aspecto presente na América Latina por causa do racismo latino-americano que atua de forma a manter negros e indígenas na condição de subordinados dentro das classes mais exploradas. Uma ideologia que "(...) reproduz e perpetua a crença de que as classificações e os valores da cultura ocidental branca são os únicos verdadeiros e universais" (GONZALEZ, 2020, p. 44). Como

consequência, o desejo de embranquecer é internalizado por negros de forma que negam sua própria raça e cultura, comportamento perceptível no presidente da empresa na narrativa. O presidente naturalizou a cultura ocidental branca como norma e a partir de tal perspectiva perpetua o racismo. Além disso, propaga o mito da democracia racial, o qual para Gonzalez (2020) é um silenciamento sobre as contradições raciais, que contribui com uma dominação ideológica branca.

Diante de todas as afirmações que ouviu, Bárbara fica sem ação.

> Não conseguia controlar as lágrimas a escorrer pelo rosto aflito. O presidente ofereceu um lenço branco, ela recusou. Deixou que as lágrimas trouxessem alguns escurecimentos à tona e limpassem as imagens de terror que embaçavam a sua visão (SOBRAL, 2016, p. 11).

A personagem recusa o lenço branco, uma referência à tentativa de embranquecimento, e prefere que escurecimentos venham à tona, após tantos "esclarecimentos" apresentados pelo presidente. Bárbara ficou com as pernas trêmulas e quase questionou suas convicções. Por fim, levantou decidida e com suas certezas, dizendo: "Veja Senhor Presidente, eu sou negra. Negra!" (SOBRAL, 2016, p. 11). A personagem afirma sua negritude e diz que não pode corresponder à expectativa da empresa. Diante disso, pede demissão.

Bárbara vive um momento de epifania, de compreensão da colonialidade presente na sociedade: "Tudo ficou muito óbvio a partir de então. Foi conquistando oportunidades, desbravando trilhas de afirmação da sua identidade, sempre resistindo às tentações enganosas do embranquecimento" (SOBRAL, 2016, p. 12). Apesar da tentativa de objetificação, Bárbara é sujeito de sua própria história, afirma sua identidade e tem atitudes de resistência ao sistema moderno-colonial de gênero. O presidente tentou puxar o seu tapete, mas Bárbara aprendeu a voar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da personagem Bárbara demonstra que a afirmação da identidade da personagem no final do texto, ao dizer "eu sou negra", é um movimento de afirmação do

corpo negro. Apesar do discurso propagador de hierarquias raciais e de gênero, as atitudes de Bárbara após ouvir o presidente são formas de recuperar a experiência de existência retirada pela colonialidade. A fala opressora do presidente, buscando iniciar um processo de embranquecimento, não alcançou o objetivo. A objetificação da mulher negra é questionada pelo texto literário produzido por uma escritora que descontrói padrões impostos aos povos subalternizados e coloca a mulher negra como sujeito.

O feminismo decolonial é base importante de estudo para entender as relações de poder utilizadas pelo presidente para oprimir Bárbara. A personagem estava trabalhando em uma instituição que lhe agradava, pretendendo subir de cargo e melhorar sua qualificação profissional. Tudo isso foi negado à Bárbara por recusar-se a ocultar sua negritude e adequar-se aos padrões estabelecidos pela colonialidade. A possibilidade de alcançar posições de poder no espaço de trabalho estava atrelada à retirada da existência do corpo negro. Ao optar pela sua subjetividade negra, Bárbara precisou percorrer caminhos que não foram fáceis, mesmo tendo experiência e qualificação profissional.

A metodologia do feminismo decolonial contribuiu para compreender como a personagem Bárbara foi afetada por opressões produzidas pela colonialidade, as quais são desveladas na construção literária, contribuindo com uma educação decolonial dos leitores. Diante da análise do conto *O tapete voador*, de Cristiane Sobral, conclui-se que a autorrepresentação de mulheres negras em narrativas literárias insere na literatura brasileira perspectivas que subvertem a colonialidade do gênero.

**REFERÊNCIAS**

DALCASTAGNÈ, R. *Literatura brasileira contemporânea*: um território contestado. Editora Horizonte, 2012.

CURIEL, O. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. *In*: HOLLANDA, H. B. (Org.). *Pensamento feminista hoje*: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 121-138.

EVARISTO, C. Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares*, 2005. Disponível em: http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf. Acesso em: 23 jul. 2023.

GONZALES, L. Por um feminismo afro-latino-americano. *In*: HOLLANDA, H. B. (Org.). *Pensamento feminista hoje*: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 38-51.

KILOMBA, G. *Memórias da plantação*: episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
LUGONES, M. Colonialidade e gênero. *In*: HOLLANDA, H. B. (Org.). *Pensamento feminista hoje*: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 52-83.
MIÑOSO, Y. E. *Sobre por que é necessário um feminismo decolonial*: diferenciação, dominação coconstitutiva da modernidade ocidental. MASP, 2020. Disponível em: https://assets.masp.org.br/uploads/temp/temp-Giqs0qaSQ1sxGgwydI1C.pdf. Acesso em: 23 jul. 2023.